

Um Jardim de Romas – Parte 4

Os Caminhos

Uma das muitas dificuldades encontradas ao apresentar um esquema novo ou uma interpretação nova da filosofia é o preconceito popular contra a nova terminologia.

Espera-se que haja objeções ao alfabeto hebraico e aos termos utilizados pela cabala por pessoas que possam ignorar o fato de que, no estudo de astronomia, física ou química, por exemplo, uma nomenclatura completamente nova deverá ser dominada.

Inclusive no comércio se usa um sistema de palavras e termos desprovidos de sentido sem um conhecimento dos métodos e procedimentos comerciais.

A terminologia usada pela cabala é devida a várias razões.

No hebraico não existem números (que procedem dos árabes), porém cada letra do alfabeto é usada para um número.

Este fato proporciona a base sobre a qual descansa a cabala, afastando-se de ideias correntes sobre números e letras.

Cada letra hebraica tem um valor múltiplo.

Primeiro, tem sua posição individual no alfabeto; Segundo, tem um valor numérico; Terceiro, é atribuído a algum dos trinta e dois Caminhos da Árvore da Vida; Quarto, tem uma atribuição nas cartas do Tarô; Quinto, tem um símbolo definido ou significado alegórico quando se escreve sem abreviar.

Blavatsky escreve: *"Cada cosmogonia, da primeira à última, está baseada, inter-relacionada e totalmente entrelaçada com os números e as figuras geométricas... Por conseguinte, encontramos números e figuras usadas como uma expressão e um registro de pensamento em cada escritura arcaica."*

Ginsburg, referindo-se ao alfabeto hebraico, afirma: *"Como as letras não têm nenhum valor absoluto — nem se pode usá-las como meras formas, porém serve como o meio entre a essência e a forma; e como palavras, assume a relação da forma com a essência real e da essência com o embrião e pensamento não expressado —, um grande valor está unido a estas letras e às combinações e analogias de que são capazes."*

Os trunfos do Tarô proporcionam uma série de símbolos, porém a grande dificuldade até agora experimentada em sua atribuição às vinte e duas letras do alfabeto hebraico é que estes trunfos estão numerados de I à XXI, acompanhados por outra carta marcada com o 0, que tem sido sempre o obstáculo, sendo atribuído por diversas pessoas às diferentes letras do alfabeto, dependendo — aparentemente — de seu capricho em qualquer momento.

Deveria estar bastante claro que o único lugar lógico para esta carta Zero é sendo a anterior ao I, e quando se situa assim as cartas adquirem um sentido de sequência definida, profundamente explicativo das letras.

É essencial, aqui, destacar algo ao contemplar a natureza dos símbolos revelados pelo Tarô e utilizados pelo *Zohar* e o *Sepher Yetzirah*.

O simbolismo que tão amiúde é claramente e decididamente fálico; é usado simplesmente para formar processos e conceitos cósmicos e metafísicos mais preparados para a compreensão por parte da mente humana.

Blavatsky se sentiu repetidamente ofendida pelo uso do simbolismo sexual e

por este motivo atacou as formas de expressão cabalísticas com acaloradas injúrias.

Sua indignação era desnecessária, pois na cabala nunca se usou nenhum método de interpretação lascivo.

Não posso dedicar-me a explicar seu desgosto pela cabala de forma satisfatória.

A única explicação que parece remotamente possível é que, descendendo, como ela, de uma nobre família russa, onde o antissemitismo estava em todas as partes, qualquer coisa que cheirasse ao judaísmo era profundamente censurado.

Seus contínuos ataques aos zoharistas, mais a sua real ignorância sobre os livros de cabala — corroborado pelo fato de que citou principalmente Lévi (que sabia muito pouco sobre ele) e Knorr von Rosenroth, ambos eram católicos romanos —, pode, talvez, ser explicado desta maneira.

O simbolismo fálico foi utilizado principalmente porque se acreditava que o processo criativo no Macrocosmo é paralelo, num grau destacado, ao do pequeno mundo do homem.

O excelente livro de viagens de Nicholas Roerich intitulado *Allai-Himalaya* nos dá uma boa apreciação deste ponto de vista:

Observe quão notáveis são as comparações fisiológicas trazidas pelos hindus entre as manifestações cósmicas e o organismo humano.

A matriz, o umbigo, o falo e o coração, todos eles têm sido, desde muito tempo, incluídos no sistema sutil de desenvolvimento da célula universal.

Sobre a questão do falicismo deve-se obrigatoriamente referir-se à *Psicologia do Inconsciente* de C. J. Jung, segundo o qual há uma grande interpretação equivocada do termo "sexualidade".

Por ele, Freud entende "amor" e inclui ali dentro todos os sentimentos tenros e emoções que tiveram sua origem em uma fonte erótica e primitiva, inclusive se seu objetivo primário se perdeu totalmente e foi substituído por outro.

E deve também recordar-se que os mesmos psicanalistas enfatizaram rigorosamente o lado psíquico da sexualidade e sua importância além de sua expressão somática.

O *Sepher Yetzirah* afirma:

Vinte e duas letras como base.

Ele as desenhou, as trabalhou, as pesou, as intercambiou e formou através delas o conjunto da criação e tudo o que deveria ser subsequentemente criado.

Esta citação é fundamental na filosofia dos números na cabala, indicando que a existência destas letras e o sinal que deixam em cada partícula da criação constitui a harmonia do cosmo.

A posição idealista de que os *pensamentos são coisas* é análoga.

No *Sepher Yetzirah* as vinte e duas letras, ou grupos de ideias, se consideram as formas e essências subjacentes que fazem surgir o universo inteiro manifestado em toda sua claridade.

A Árvore da Vida consiste em trinta e dois Caminhos de Sabedoria, dos quais as dez sephiroth se consideram como os primeiros Caminhos ou galhos, cujas correspondências são as mais importantes, e as vinte e

duas letras, os Caminhos inferiores que conectam as sephiroth, harmonizando e equilibrando os conceitos atribuídos aos diversos números. Ao referirmos a estes vinte e dois Caminhos restantes seguiremos o mesmo procedimento que adotamos com as sephiroth, passando por cima de cada detalhe, dando várias correspondências, prestando particular atenção à forma e significado das letras, junto com uma questão importante que se relaciona com a sua pronúncia, que parece nunca ter sido apresentada sistematicamente antes em tratados sobre a filosofia dos números da cabala.

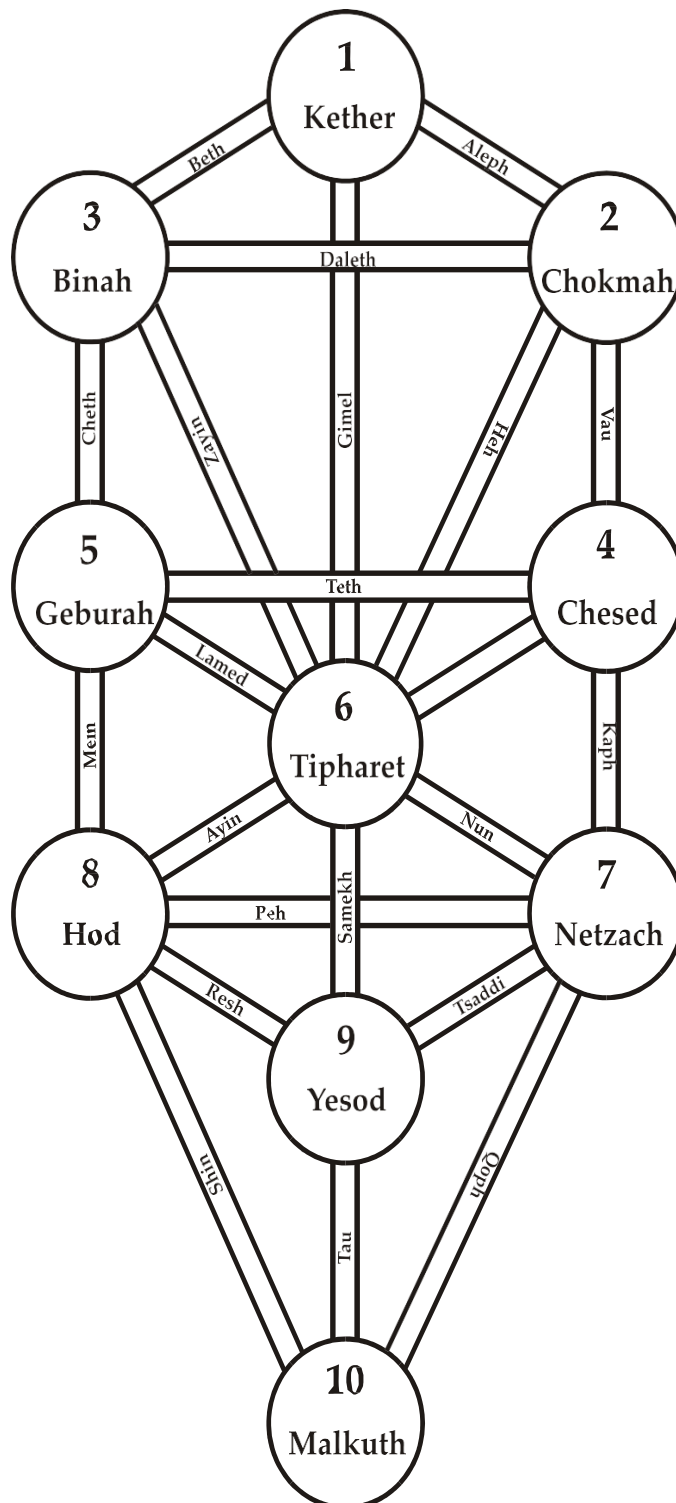


Figura: Os Caminhos

א – A ALEPH


Primeira letra do Alfabeto Hebraico.

Caminho Nº Onze da Árvore da Vida, unindo Kether a Chokmah.

Valor Numérico: 1

Pode-nos servir de ajuda para encontrar uma explicação satisfatória desta letra aquilo que represente um jugo de boi ou a cabeça de um boi, formando os chifres na parte superior da letra.

Isto é muito significativo, pois quando a letra é pronunciada como Aleph (אֵלֶף) e escrita na íntegra — Aleph, significa um “boi” ou um “touro”, um símbolo magnífico para indicar o poder reprodutor da natureza.

O Aleph é atribuído à Cruz Suástica , quase um Aleph א por sua forma, ou o Raio de Thor — um glifo excelente para expressar o conceito de movimento primordial do Grande Alento que, pondo o Caos em movimento giratório faz surgir um centro criativo.

Aleph tem traços de Kether e é denominada “A Inteligência Cintilante”. Hoor-paar-Kraat, o Senhor do Silêncio egípcio, representado com um dedo sobre seus lábios, é uma de suas atribuições, como também são Zeus e Júpiter, fazendo particular ênfase com o aspecto destes dois deuses como partes elementais da natureza.

A atribuição hindu é o Maruts (Vayu), referindo-se ao aspecto aéreo de Aleph (א), como acontece também com as Valquírias do panteão escandinavo.

O animal apropriado para Aleph é a águia, a rainha das aves, já que aprendemos da mitologia clássica que a águia era sagrada a Júpiter, cujos sacrifícios, posso acrescentar, geralmente consistiam em touros e vacas. Seu elemento é o Ar, correndo ao acaso daqui para lá, sempre pressionando ou tendendo a abaixar.

Seu trunfo no Tarô é o 0, *O Louco*, implicando assim este despropósito aéreo da existência.

A carta mostra uma pessoa vestida com um bobo da corte, sustentando um bastão sobre suas costas no qual pendura um fardo.

Diante dele se abre um precipício, enquanto um cãozinho fraldiqueiro late aos seus pés, atrás dele.

Em sua túnica está o desenho , que simboliza o Espírito.

Spiritus é a palavra latina que significa Ar ou respiração.

O leque como arma mágica é atribuído à Aleph, fazendo uma clara referência ao Ar.

Sua cor é o azul celeste; suas joias são o topázio e a calcedônia; seu perfume é o gálbano.

ב – B BETH

Segunda letra do alfabeto.

Caminho Nº Doze da Árvore, unindo Kether a Binah.

Valor Numérico: 2

“B” é um som de atividade interna, produzindo-se em um espaço fechado pelos lábios e a boca — portanto, em uma casa simbólica.

Sua pronúncia é Beth, traduzida por “Casa”.

O *Sepher Yetzirah* afirma que a letra "B" reina em Sabedoria.

A Sabedoria é naturalmente o deus Hermes; e sua atribuição planetária é, em consequência, Mercúrio.

Thoth, e seu Cinocéfalos, e Hanuman estão incluídos como correspondências. Este Caminho, chamado de "A Inteligência Transparente", participa da natureza de Chokmah e Hod, ambos são mercuriais.

A concepção alquímica do Mercúrio universal era a de um princípio fluido, agitado e instável, inclusive mutável.

Isto pode justificar o mandril ou macaco ao serviço de Thoth, pois o macaco está inquieto, sempre se movendo e nunca imóvel, tipificando o Ruach humano, que deve ser tranquilizada.

O Odin norueguês — o andarilho infinito —, possivelmente seria atribuído aqui e precisamente por esta razão.

É o espírito da vida que, de acordo com as lendas, não cria o mundo por si mesmo, senão que unicamente o *planeja* e o *ordena*.

Todo conhecimento surge dele e também é o inventor da poesia e das runas nórdicas.

Sua arma mágica é bastão de Caduceu, que faz particular referência ao fenômeno Kundalini que surge enquanto se realizam práticas de ioga, particularmente Dharana e Pranayama.

Sua carta do Tarô é a I, *O Mago*, que está de pé próximo a uma mesa, sobre a qual tem vários utensílios mágicos, sua espada, taça, pantáculo e bastão, enquanto que em sua mão direita sustenta uma varinha levantada. Aponta ao solo com sua mão esquerda, afirmando assim a fórmula mágica "o que está acima é igual ao que está abaixo".

Sobre sua cabeça, como uma auréola ou nimbo, está o símbolo matemático do infinito.

Já que Mercúrio e Thoth são os deuses da Sabedoria e da Magia, está claro que esta carta é uma atribuição harmoniosa.

O mástique (almecega), o macis e o estoraque são os perfumes deste décimo segundo Caminho; a ágata é sua joia; a verbena a sua planta sagrada.

O íbis é sua ave sagrada, pois se observou que tinha o curioso costume de permanecer sobre uma pata durante longos períodos de tempo; e para a fértil imaginação dos antigos isto sugeriu a absorção em meditação profunda.

Na prática de Ioga há uma postura chamada O Íbis, onde o praticante se mantém em equilíbrio sobre uma perna.

Os rituais, além disso, apontam Thoth como: "Oh, Tu, aquele da cabeça de íbis".

Agora devo me referir a um ponto importante da gramática hebraica.

Os sons de algumas letras do alfabeto hebraico mudam quando um ponto, chamado de "dogish", se situa nestas letras.

A letra "B" muda para "V" quando o ponto no centro é omitido, assim ב.

É imperativo que você se lembre deste pequeno detalhe, pois é de grande importância no trabalho de pesquisa ainda mais, sabendo o escritor por experiência que as investigações de um cabalista altamente experimentado têm sido dificultadas extraordinariamente por este e outros fatos semelhantes que foram omitidos em sua formação cabalística básica.

ג – G

GIMEL

Terceira letra do alfabeto.

Caminho Nº Treze da Árvore, unindo Kether a Tiphareth

Valor Numérico: 3

Se nos remetermos ao esquema veremos que este Caminho une a primeira sephirah com a sexta, cruzando o Abismo que, na simbologia cabalística, se concebe como um deserto árido de areia, onde morrem os pensamentos e os egos empíricos dos homens, "criaturas estranguladas ao nascer", como observa a expressão.

Agora, Gimel (ג) é a letra dada a este Caminho, e quando é pronunciada

Gimel (גמל), significa um Camelo.

O camelo é o convencional "barco do deserto".

O título deste Caminho é "A Inteligência Unificadora" e sua atribuição yetzirática é a Lua.

Sua carta no Tarô é a II, a *Sacerdotisa da Estrela de Prata*, representando uma mulher em seu trono, coroada com uma tiara, o Sol sobre a sua cabeça, uma estola sobre o seu peito, e o *signal da Lua em seus pés*.

Está sentada entre dois pilares, um branco (masculino) e outro negro (feminino), comparáveis aos pilares laterais, direito e esquerdo, da Árvore da Vida, e a lei maçônica.

É, em certo sentido, o Shechinah, e nossa Dama Babalon de acordo com outro sistema.

No velho sistema de graus da Rosacruz, a Tríade das Supremas constitui o Colégio Interno dos Mestres, e se chama a Ordem da Estrela de Prata.

Como o Caminho de Gimel ou da Lua une a Tríade das Supremas com Tiphareth, servindo como meio de entrada ao Colégio Interno, então se observa que os símbolos do Tarô são consistentes.

Alguns estudantes associaram carta a Beth (ב).

Ártemis, Hécate, Chomse e Chandra são as deidades atribuídas, todas elas são divindades lunares.

Sua cor é o prateado, a cor resplandecente da Lua; a cânfora e aloés são seus perfumes; a pedra da lua e a pérola são suas joias.

O cachorro é sagrado para Gimel, provavelmente porque a caçadora Ártemis sempre tinha cães em sua presença.

O arco e a flecha, pela mesma razão, são seus instrumentos mágicos simbólicos.

Quando se omite o dogish Gimel tem um som suave, semelhante ao "J" inglês.

ד – D

DALETH

Quarta letra do alfabeto.

Caminho Nº Catorze da Árvore, unindo Chokmah a Binah.

Valor Numérico: 4

Como este Caminho une, na região das Supremas, o Pai à Mãe, logicamente anteciparíamos correspondências que expressariam a atração do positivo pelo negativo, e o amor do macho pela fêmea pela qual o Yod (י) e o

He (𐤅) formarão a unidade primordial.

Sua atribuição astrológica é Vênus, a Dama do Amor.

A pronúncia desta letra como Daleth significa uma "Porta" que inclusive no simbolismo freudiano possui o significado de "a matriz" ("útero").

As cores são o verde e o verde esmeralda.

As joias são a esmeralda e a turquesa; as flores são a murta e a rosa; as aves são o pardal e a pomba.

A equivalência mágica é o cinturão; de acordo com a lenda qualquer um que leve o cinturão de Afrodite se tornaria em um objeto de amor e desejo universal.

O nome deste décimo quarto Caminho é "A Inteligência Luminosa", e seus deuses são Afrodite, Lalita — o aspecto sexual de Sakti, a esposa de Shiva — e a delicada testa abaixada de Hator, que é uma deusa vaca.

Para tentar ilustrar mais uma vez a implicação da ideia de um deus, trago uma citação adequada para ser memorizada e aplicada em profundidade.

Esta citação procede de *Hipólito de Eurípides*, de Gilbert Murray:

A crença real de Afrodite de Eurípides, se alguém atrever-se a dogmatizar sobre tal tema, foi seguramente não aquilo que deveríamos chamar uma divindade, senão mais uma força da natureza, ou um espírito desenvolvendo seu trabalho no mundo.

Para negar a sua existência não se deveria dizer simplesmente: "Não existe tal pessoa", porém "Não existe tal coisa"; e tal negação seria um desafio contra fatos óbvios.

A divindade do amor na mitologia nórdica era Freyja, a filha de Njord, uma deidade tutelar jupiteriana.

A carta do Tarô é a III, *A Imperatriz*, que tem em sua mão direita um cetro que é um globo coroado por uma cruz, o sigilo astrológico de Vênus.

Suas roupas repetem o símbolo, e ao lado de seu trono está um escudo em forma de coração que tem, também, o signo de Vênus.

À frente dela está um campo de trigo, dando ênfase no fato de que é uma divindade não somente do amor, mas também da agricultura.

Leva uma grinalda verde sobre a cabeça, e um colar de pérolas.

Para dar uma pequena explicação de como a agricultura podia estar associada à Deusa do Amor, devo remeter meus leitores a *Os Problemas do Misticismo*, do Dr. Silberer, em cujo livro se pode encontrar um valioso material.

Ao mesmo tempo não deve pensar-se que eu confirme a totalidade das conclusões de Silberer.

Como já indiquei, *Os Problemas do Misticismo* pode mostrar ao leitor cuidadoso como poderia ter surgido a associação antes mencionada.

Daleth (𐤆) é uma letra dupla, e consequentemente se pronuncia como um "th" forte como em "the" e "lather" quando há um dogish.

𐤅 – H

HE

Quinta letra do alfabeto.

Caminho Nº Quinze, unindo Chokmah a Tiphareth.

Valor Numérico: 5

Sua pronúncia é He, cuja palavra significa uma "Janela".

Seu título yetzirático é "A Inteligência Constituinte", e sua atribuição

astrológica é Áries, o signo do Carneiro, regido por Marte, no qual o Sol está em exaltação.

Suas atribuições são, por conseguinte, paixão e marcialidade.

Seus deuses são: Atena, na medida em que protegia o Estado de seus inimigos; Shiva e Marte.

Minerva também é uma atribuição, pois se acreditava que havia guiado os homens na guerra, onde ia conseguir a vitória mediante a prudência, a coragem e a perseverança.

A Mut egípcia também é uma deusa da guerra, representada com a cabeça de um falcão.

O Tyr escandinavo é uma atribuição deste Caminho, pois é o mais ousado e intrépido dos deuses e é aquele que reparte a valorização, coragem e honra nas guerras.

A lança é a arma apropriada; a flor é o gerânio e a joia é o rubi, por causa de sua cor.

A carta do Tarô é a IV, *O Imperador*, que veste uma túnica vermelha e está sentado em um trono — em sua coroa há rubis —, suas pernas formam uma cruz.

Seus braços e cabeça formam um triângulo.

Teremos, portanto, o símbolo alquímico do enxofre (um triângulo sustentado por uma cruz), um princípio ígneo ativo, o Gunam hindu dos Rajás; e como qualidades tem-se a energia e a vontade.

Nos braços de seu trono estão gravadas duas cabeças de carneiro, indicando que esta atribuição é harmoniosa.

1 - V

VAU

Sexta letra do alfabeto.

Caminho Nº Dezesseis da Árvore, unindo Chokmah a Chesed.

Valor Numérico: 6

Vau é sua pronúncia e significa um "Prego".

Ele é usado como um símbolo do falo.

Este uso se confirma pelo signo zodiacal do Touro que, como já observamos, é um glifo da força universal reprodutora.

O falo, no misticismo da cabala, é um símbolo criativo de uma realidade criativa, a vontade mágica.

Para que sirva de ajuda na compreensão desta ideia cito uma definição da *Psicologia do Inconsciente*, de Jung:

O falo é um ser que se move sem membros, que vê sem olhos, que conhece o futuro; e como um representante simbólico do poder criativo universal existente em todas as partes, a imortalidade se justifica nele...

É um vidente, um artista e um fazedor de milagres.

Esta definição é particularmente apropriada para a *Chiah*, da qual o linga é o símbolo terrestre, bem como seu veículo.

As atribuições seguem as astrológicas muito de perto, pois encontramos aqui o Asar Ameshet Ápis egípcio, o touro lutador de Memphis, que pisoteava seus inimigos.

As congregações órficas, em algumas de suas convocatórias secretas mais santas, bebiam solenemente do sangue de um touro; de acordo com Murray,

o dito touro era, por algum mistério, o sangue do mesmo Dionísio-Zagreu, o "Touro de Deus" morto em sacrifício para a purificação do homem. E as Mênades da poesia e da mitologia, entre as mais belas provas de seu caráter sobrenatural, sempre tinham que cortar o touro em pedaços e provar seu sangue.

O leitor também deve recordar a justa promessa da mais interessante história de Lord Dunsany, *A Benção de Pan*.

Na Índia vemos à vaca sagrada reverenciada como uma representação de Shiva em seu aspecto criativo; também há glifos em seus templos com um linga ereto.

Hera, a divindade do casamento, e Himeneu, o deus que leva o véu nupcial, também são correspondências.

A carta V, *O Hierofante*, é a atribuição do Tarô.

Está representado levantando sua mão direita com o sinal da bênção sobre as cabeças de seus ministros, e em sua mão esquerda leva um cetro sacerdotal coroado por uma tríplice cruz.

Aos seus pés estão duas chaves, as da Vida e da Morte, que solucionam os mistérios da existência.

Vau também é o "Filho" do Tetragrammaton — Baco ou Cristo no Olimpo (Céu), salvando o mundo.

Também representa a Percival como o Sacerdote Real em Montsalvat celebrando o milagre da redenção.

O nome de Baco é um derivado de uma raiz grega e significa uma "vara".

Junto com seus múltiplos nomes de: Brômio, Zagreu e Sabázio têm muitas formas — assim diz o prof. Gilbert Murray —, aparecendo como um touro e uma serpente.

Muitas das correspondências de Tiphareth, a sexta sephirah, têm uma íntima relação com este décimo sexto Caminho.

Adônis, Tamuz, Mitras e Átis são associações adicionais.

O Estoraque é o seu perfume, a malva sua planta, o topázio sua joia e o índigo a sua cor.

Dependendo totalmente do lugar onde está situado o dogish, esta letra pode ser:

U – ך O – ם V – ן

׃ – Z

ZAYIN

Sétima letra do alfabeto.

Caminho Nº Dezessete, unindo Binah a Tiphareth.

Valor Numérico: 7

Zayin significa uma "espada", e examinando a forma da letra se poderia imaginar que a sua parte superior é a empunhadura e a parte inferior o gume.

Na astrologia o signo de Gemini, os Gêmeos.

Todos os deuses gêmeos são, portanto, atribuídos a este Caminho.

Rekht e Mertí dos hindus, e Castor e Pólux dos gregos.

Apolo também é uma correspondência, porém somente é seu aspecto de adivinhador, tendo o poder de comunicar o dom da profecia aos deuses e aos homens.

Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia*, diz de Apolo que não somente é um deus de todas as energias com forma, mas também o deus da adivinhação.

Aquilo — como a etimologia do nome indica — é o brilhante, a deidade da luz, também governa sobre a aparência bela do mundo interior das fantasias. A verdade suprema, a perfeição destes estados em contraste com o apenas parcialmente compreensível mundo cotidiano e a profunda consciência da natureza, curando e ajudando quando se dorme e quando se sonha. É, ao mesmo tempo, o análogo da faculdade da adivinhação e, em geral, de todas as artes, através das quais a vida se faz possível e vale a pena viver.

Juno é uma de suas atribuições, pois é representado com duas caras, cada uma olhando em distinta direção.

Hoor-paar-Kraat é outra atribuição, principalmente porque reúnem os deuses gêmeos de Hórus, o Senhor da Força, e Harpócrates, o Senhor do Silêncio, em uma só personalidade divina.

No *Sepher Yetzirah* é denominado de “A Inteligência Disponente”.

Todos os híbridos são atribuídos aqui; sua ave é a pega; e a alexandrita e a turmalina são suas pedras preciosas.

Sua cor é a malva, e suas plantas são todas as formas e espécies de orquídeas.

A carta do Tarô é a VI, *Os Amantes*.

Os antigos baralhos a descreve representando um homem entre duas mulheres, que são o Vício e a Virtude; Lilith, a esposa do malvado Samael, e Eva.

As cartas modernas, contudo, mostram um homem e uma mulher desnudos, com um Anjo ou Cupido com as asas estendidas, suspenso sobre eles.

Π – Ch

CHETH

Oitava letra do alfabeto.

Caminho Nº Dezoito, unindo Binah a Geburah.

Valor Numérico: 8

Cheth (“ch” gutural como em “loch”) é uma “cerca”.

Em astrologia é o signo do caranguejo, Câncer.

É Khephra, o deus escaravelho, representando o sol da meia-noite.

Na filosofia astrológica do antigo Egito, Câncer era considerado como a Casa Celestial da Alma.

Mercúrio, em seu aspecto do mensageiro dos deuses, e Apolo em seu papel de auriga, são outras atribuições.

A correspondência nórdica é Hermódr, o enviado dos deuses, o filho de Odin, quem lhe deu um elmo e um corselete que Hermódr levava quando ia à suas perigosas missões.

Infelizmente, os deuses hindus não são suficientemente determinantes para nos permitir fazer uma atribuição satisfatória devido ao seu grande número, a menos que decidamos escolher Krishna, em seu papel de condutor do carro de Arjuna na batalha de Kurukshetra, como se descreve no Mahabharata.

A carta do Tarô é mais interessante, a VII, *O Carro*.

Indica um carro, cujo toldo é azul e decorado com estrelas (representando a Noite, a noite de céu azul, o espaço e nossa Dama das Estrelas).

No carro está uma figura coroada e armada, sobre cuja testa resplandece uma Estrela de Prata — o símbolo do renascimento espiritual.

Sobre seus ombros estão duas meia-lua, a crescente e a minguante.

Conduzindo o Carro há duas esfinges, uma branca e a outra negra, representando as forças conflitantes em seu ser que ela dominou. Na frente do carro está um glifo do Linga, seu *id* regenerado ou sublimado, ou libido, coroado pelo globo alado, seu Ego transcendental ao qual se uniu. O conjunto da carta simboliza adequadamente a Grande Obra, esse processo pelo qual um homem chega a conhecer a Coroa desconhecida, e alcança o conhecimento e o diálogo com seu Sagrado Anjo Guardião, perfeitas auto integração e a consciência.

No termo "libido", Jung vê um conceito de natureza desconhecida, comparável ao *elã vital* de Henri Bergson, uma hipotética energia vital, que tem relação não somente com a sexualidade, mas com outras diversas manifestações fisiológicas espirituais.

Bergson fala deste *elã vital* como sendo um movimento de autocriação, um tornar-se, e como a verdadeira substância e realidade de nosso ser. Seu animal sagrado é a Esfinge, cuja expressão enigmática combinando o masculino, feminino e as qualidades animais; é um símbolo apto para a Grande Obra levada à perfeição.

O *Sepher Yetzirah* chama Cheth (𐤇) de "A Casa da Influência".

O lótus é a sua flor; a ônica é seu perfume; o castanho avermelhado é sua cor e o âmbar a sua joia.

𐤇 – T TETH

Nona letra do alfabeto.

Caminho Nº Dezenove, unindo Chesed a Geburah.

Valor Numérico: 9

Aqueles Caminhos da Árvore da Vida que são horizontais e que unem uma sephirah feminina e uma masculina são denominados *Caminhos Recíprocos*. O décimo quarto Caminho é o primeiro deste tipo; o décimo nono Caminho é o segundo e une o Poder com a Misericórdia.

Esta letra significa "Serpente".

Seu signo zodiacal é o Leo, o Leão.

Pasht, Sekhet e Mau são lhe atribuídos, pois são deusas gato.

Ra-Hoor-Khuit é outra correspondência, representando o Sol que governa Leão.

Demeter e Vênus, como deusas da agricultura também são atribuídas a Teth.

Seu animal é, claro, o leão; sua flor, o girassol; sua joia é o olho de gato e seu perfume é o olíbano.

Sua cor é a púrpura.

Sua carta no Tarô é a VIII, *A Força*, mostrando uma mulher coroada e enfeitada com flores que, calmamente e sem esforço aparente, fecha as mandíbulas de um leão.

Devido às correspondências da "Serpente" e do "Leão", alguns especialistas supõem uma conotação fálica para Teth.

A serpente e o leão são muito importantes no estudo da literatura alquímica. Na moderna teoria psicanalítica a serpente é reconhecida claramente como um símbolo do falo e também do conceito abstrato de Sabedoria.

׳ – Y

YOD

Décima letra.

Caminho Nº Vinte, unindo Chesed a Tiphareth.

Valor Numérico: 10

Yod (׳) é uma Mão, ou melhor dizendo, o Dedo Indicador da mão levantada, com todos os outros dedos fechados.

Também é um símbolo fálico, representando o espermatozoide ou a essência volitiva secreta inconsciente (libido) e, em várias lendas, a juventude empreendendo suas aventuras depois de receber a Vara — ou ter alcançado a puberdade.

As armas mágicas são a Vara — na qual o significado freudiano é claramente perceptível —, a Lamparina e a Hóstia Eucarística.

O significado de a Mão de Deus ou a consciência Dhyan-Chohaníc, pondo em ação às forças mundanas, também pode ser lida nesta letra Yod.

A carta do Tarô é a IX, *O Ermitão*, que dá a ideia de um ancião Adepto, com um capuz e uma túnica negra, sustentando uma lamparina em sua mão direita e uma vara ou bastão na esquerda.

A concepção deste Caminho como um todo é de virgindade, seu signo astrológico é Virgem.

Por conseguinte, atribuímos a ela às solteiras Ísis e Nephthys, ambas virgens.

O equivalente hindu são as crianças vaqueiras Gopi, ou as pastoras de Brindaban, que se tornam amantes com o amor de Shri Krishna.

Narciso, o belo jovem inacessível à emoção do amor, e Adônis, que foi o jovem amado de Afrodite, são as outras correspondências.

Balder, como o belo deus virgem que residia na mansão celestial chamada Breidablik, na qual nada sujo podia entrar, é, indubitavelmente, a atribuição nórdica.

Sua joia é o peridoto; suas flores são a campânula branca e o narciso, sugerindo pureza e inocência; e sua cor é o cinza.

𐤊 – K

KAPH

Décima primeira letra.

Caminho Nº 21, unindo Chesed a Netzach.

Valor Numérico: 20

Kaph (𐤊) significa “colher” ou “a palma de uma mão”, símbolos receptivos e, por conseguinte, femininos.

É atribuída a Júpiter, e como ela conecta Chesed (a esfera de Júpiter) com Netzach, que é a esfera de Vênus, o Caminho de Kaph compartilha do caráter magnânimo e generoso de Júpiter e a natureza amorosa de Vênus.

Voltam a repetir em um plano consideravelmente inferior, as atribuições de Júpiter, Zeus, Brahma e Indra já comentadas anteriormente.

Plutão também é uma atribuição, já que é o dador cego da saúde, símbolo de prodigalidade infinita e abundante da natureza. Nas sagas nórdicas encontramos que é Njord que governa sobre os ventos e tempestades e controla a fúria do mar e do fogo; é, além disso, o guardião da saúde e dá possessões àqueles que o invocam.

Kaph é denominada “A Inteligência Conciliadora”; suas joias são o lápis

lazuli e a ametista; suas plantas são o hissopo e o carvalho; seu perfume é o açafraão e todos os perfumes magnânimos, e sua cor é o azul.

A carta do Tarô é a X, *A Roda da Fortuna*, que em alguns baralhos é uma roda de sete raios com uma figura de Anúbis em um lado sustentando um caduceu, e no outro um demônio com um tridente.

No alto da circunferência está uma Esfinge sustentando uma espada.

A roda representa o Ciclo Cármico de Samsara sempre em movimento, da existência depois da existência, em um momento elevando-nos como príncipes e reis da terra, e em outros arremessando-nos abaixo do nível dos escravos e do pó da terra.

Sobre a roda, em cada um dos pontos cardeais, estão inscritas as letras TARO, e entre elas as quatro letras hebraicas do Tetragrammaton (יהוה).

A cada um dos quatro lados da carta, sentada sobre uma nuvem, está uma das criaturas contempladas na Visão do Profeta Ezequiel.

Quando se suprime o dogish esta letra tem um som gutural, J (j como espanhol, ch como no inglês), semelhante à de Cheth.

Tem uma forma final, ך, para usar no final das palavras, e seu valor numérico como tal é 500.

ל – L

LAMED

Décima segunda letra.

Caminho Nº 22, unindo Geburah a Tiphareth.

Valor Numérico: 30

A letra Lamed significa um Aguilhão de Boi ou um Chicote, e sugere tal tradução apenas pela sua forma.

Seu signo astrológico é Libra, a balança, é a sua atribuição mais importante e resume as características do Caminho.

A atribuição do Tarô é a XI, *A Justiça*, representada por uma mulher muito sombria, sentada entre dois pilares, sustentando uma espada em uma mão e umas balanças na outra.

Seu título secundário no Tarô é "A Filha dos Senhores da Verdade" e "A Governante das Balanças".

O deus grego é Themis, quem nos poemas homéricos, é a personificação da lei, a norma e a equidade abstrata, pelo que se descreve nas assembleias dos homens e convocando a Assembleia dos Deuses no Monte Olimpo.

Seu deus egípcio corrobora com a ideia de justiça, pois é Maat, a deusa da verdade, que no *Livro dos Mortos* aparece na cena do juízo pesando o coração dos falecidos.

Nêmeses também é uma correspondência, já que media a felicidade dos mortais e também a miséria; e aqui também está o conceito hindu de *Yama*, a personificação da morte e o inferno onde os homens tinham que expiar suas más ações.

A planta de Lamed é o aloés; seus animais são a aranha e o elefante; seu perfume é o gálbano e sua cor é o azul.

Seu título yetzirático é "A Inteligência Fiel".

𐤌 – M

MEM

Décima terceira letra.

Caminho Nº 23, unindo Geburah a Hod.

Valor Numérico: 40

Mem é sua pronúncia, significando Água, e também lhe é dada o elemento água.

Em sua forma, alguns especialistas percebem as ondas do mar.

Seus deuses são Tum, Ptah, Auromoth, combinando a ideia de Deus do Sol Poente, o Rei dos Deuses, e uma divindade puramente elemental.

Poseidon e Netuno são novamente atribuídos, visto que representam a água e os mares.

Mem é chamada de "A Inteligência Estável", e sua cor é o verde mar.

O Cálice e o Vinho Sacramental (*soma*, o elixir da imortalidade) é seu instrumento mágico para o cerimonial.

Os denominados Kerubs da Água são a Águia, a Serpente e o Escorpião, representando o homem não redimido, sua força mágica e sua "salvação" final.

Todas as plantas da água e o lótus são as correspondências adequadas.

A água-marinha ou o Berilo é sua pedra preciosa, e a ônica e a mirra são os seus perfumes.

A atribuição do Tarô é a carta XII, *O Pendurado*, uma das cartas mais curiosas, representando um homem com uma túnica azul, pendurado de cabeça pra baixo (rodeado por um halo dourado) através de uma forca em forma de T em um pé, o outro está dobrado por trás do joelho, sugerindo uma cruz.

Seus braços estão atados às suas costas, formando um triângulo, com a base invertida.

É a Fórmula do Salvador, dando luz aos homens da Terra.

Mem tem uma forma final, 𐤌, valor 600.

𐤍 – N

NUN

Décima quarta letra.

Caminho Nº 24, unindo Tiphareth a Netzach.

Valor Numérico: 50

Pronuncia-se Num, e significa um "Peixe".

As correspondências aparecem novamente para seguir a interpretação astrológica, que é o Escorpião, oréptil que segundo a fábula se cravava o aguilhão até morrer.

Marte rege em Escorpião e seu deus grego é, por conseguinte, Marte; seu deus romano é Ares.

Apep, o deus egípcio, uma serpente imensa, é atribuída aqui.

Kundalini é a deusa hindu que representa a força criativa (libido), enrolada como uma serpente na base da coluna vertebral, no chamado lótus do chakra Muladhara.

Sua fórmula mágica é a Regeneração mediante a Putrefação.

Os alquimistas antigos usavam principalmente esta fórmula.

A primeira matéria comum de suas operações era básica, e tinha que passar através de vários estados de corrupções ou putrefação (ou mudança química,

como se denomina hoje) quando se chamava o dragão negro.

Porém deste estado pútrido se derivava o ouro puro.

Outra aplicação da mesma fórmula aplica-se a este estado psicológico do qual todos os místicos falam, a Seca Espiritual ou "A Obscura Noite da Alma", onde todos os poderes se mantêm temporalmente em suspenso, reunindo-se, na realidade, a força para assaltar e transformar-se na luz do Sol Espiritual. Seu animal sagrado é, portanto, o escaravelho, representando o deus egípcio Khephra, o deus escaravelho do Sol da Meia-Noite, simbolizando a Luz da Obscuridade.

Durante o estado místico o qual nos referimos, toda a vida interior aparece da forma mais angustiante que se pode imaginar, para se dilacerada.

A atribuição do Tarô é a carta XIII, *A Morte*, que continua esta ideia, retratada por um esqueleto negro montado em um cavalo branco — recordando-nos de um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse —, armado com uma gadanha, ceifando tudo e qualquer coisa com a qual ele tenha contato. Seu título yetzirático é "A Inteligência Imaginativa" e a sua joia é o amonite; sua cor é o marrom de um escaravelho, seu perfume é o opópanax, sua planta é o cacto e todas as venenosas.

Esta letra também tem uma forma final, ך, cujo valor número é 700.

ו – ש

SAMEKH

Décima quina letra do alfabeto.

Caminho Nº 25, unindo Tiphareth a Yesod.

Valor Numérico: 60

Esta letra significa um "Apoio".

O Caminho é atribuído ao signo zodiacal de Sagitário, a Flecha, e se denomina "A Inteligência Experimental".

Sagitário é essencialmente um signo de caça e Diana, como a Arqueira Celestial e a deusa da caça, encontra-se seu lugar nesta categoria.

Apolo e Artêmis como caçadores com o arco e a flecha estão também incluídos.

O símbolo de Sagitário é o Centauro, metade homem e metade animal, que está tradicionalmente relacionado com o disparo com arco e flecha; e o cavalo também é uma correspondência de Samekh.

A planta apropriada é o junco, usado para fazer flechas; o perfume é o lignum aloés (*Aquilaria malaccensis*, conhecido também como pau-de-água), e sua cor é o verde.

O arco-íris também é uma correspondência de Samekh, e nesta relação está atribuído o deus Ares.

A atribuição do Tarô é a carta XVI, *A Temperança*, mostrando um anjo coroado com o sigilo dourado do Sol, vestido com belas roupas brancas, e sobre seu peito estão escritas as letras do Tetragrammaton (יהוה) sobre um quadrado branco, onde existe um triângulo dourado.

Verte um líquido azul de um cálice dourado a outro.

Este Caminho vai de Yesod à Tiphareth, a esfera do Sol.

O Anjo do Tarô tipificaria o Sagrado Anjo Guardião, a quem o homem aspira.

A ideia fundamental do signo astrológico, a flecha apontando ao céu, é a Aspiração, e o sigilo do Sol e o triângulo dourado sobre o coração do Anjo, tudo aponta ao objeto de aspiração, representando o Asar-Un-Nefer, o homem feito perfeito.

Difícilmente se pode duvidar sobre a exatidão dessas designações do Tarô. Sua pedra é o jacinto que, na realidade, se refere ao belo rapaz Hyacinty, que foi assassinado acidentalmente com um arco por Apolo.

𐤀 – O

AYIN

Décima sexta letra.

Caminho Nº 26, unindo Tiphareth a Hod.

Valor Numérico: 70

Pronunciada como Ayin, com um ligeiro som nasal, significa um “Olho” — referindo-se ao Olho de Shiva, do que se dizia que tinha a glândula pineal atrofiada.

Astrologicamente é Capricórnio, a cabra montesa brincando acima e abaixo, de forma audaz, sem medo, permanecendo próxima dos cumes.

Seus símbolos, novamente, são Yoni e o Linga, e seus deuses são emblemas das forças criativas da natureza.

Khem é o princípio criativo egípcio, quase sempre representado com a cabeça de uma cabra lasciva.

Príapo é o deus grego, na medida em que era o deus da fecundidade sexual e a fertilidade.

Pan, quando é representado como a cabra do rebanho “lascivo e descomedido, farrista e promíscuo” se atribui também aqui.

Baco, o jovial representante do poder reprodutor e embriagante da natureza, é outra correspondência.

O cânhamo, do qual se deriva o haxixe, é uma atribuição devida a suas qualidades inebriantes e produtoras de êxtase.

Ayin representa a força espiritual criativa da divindade que se fizera abertamente manifesta em um homem, faria dele o Aegipan, o Todo.

Este Caminho é um símbolo do Deus-Homem, veemente e exaltado, conscientemente conhecedor de sua Verdadeira Vontade e preparado para iniciar sua longa e enfadonha viagem de redenção do mundo.

A carta do Tarô é a XV, *O Diabo*, mostrando um sátiro com cabeça de bode e com asas, com um pentagrama na testa, apontando pra cima com sua mão direita, e segurando com a sua mão esquerda um tição chamejante apontando para baixo.

Em seu trono estão atadas uma figura masculina e uma figura feminina desnudas, que têm os chifres de um bode.

A joia apropriada para o vigésimo sexto Caminho é o diamante negro; os animais são a cabra (bode) e o asno.

Recorde-se que Jesus era descrito no Evangelho como alguém que entrava em Jerusalém sobre o lombo de um jumento; e se a memória não me falta, em algum lugar se faz referência a Dionísio também montando um asno.

Seu título é “A Inteligência Renovadora”; seu perfume é o almíscar e sua cor é o preto.

𐤑 – P

PEH

Letra 17.

Caminho Nº 27, unindo Netzach a Hod.

Valor Numérico: 80

O leitor notará que, por sua forma (פ), é similar a Kaph (כ), significando a palma da mão, com a adição de uma pequena língua de Yod (י).

O significado de Peh (פ) é uma "Boca".

É o terceiro dos Caminhos Recíprocos.

Seu título yetzirático é "A Inteligência Ativa ou Excitante".

Sua atribuição astrológica é Marte e, portanto, este Caminho repete grande parte das atribuições da esfera de Geburah, embora em um plano menos espiritual.

Hórus, o Senhor da Força, com cabeça de falcão; Mut, o deus da guerra dos egípcios; Ares e Marte dos gregos e romanos; Krishna, como o auriga na batalha de Kurukshetra, são as correspondências de outros panteões.

Odin também foi descrito nos ritos nórdicos como um deus da guerra e mandava as Valquírias dar as boas-vindas aos heróis caídos às festivas moradas de Valhalla.

Anderson, em sua *Mitologia Nórdica*, diz que as Valquírias "eram donzelas de Odin, e o deus da guerra mandava seus pensamentos e sua vontade à carnificina do campo de batalha em forma de mulheres armadas até os dentes, da mesma forma que mandava seus corvos por toda a terra".

Seu metal é o ferro, seus animais são o urso e o lobo; suas joias, o rubi e qualquer outra pedra vermelha; suas plantas são a arruda, a pimenteira e o absinto; seus perfumes são a pimenta e todos os odores acres, e sua cor é a vermelha.

A carta do Tarô é a XVI, *A Torre*, a parte superior da qual tem forma de coroa.

É chamada alternativamente de A Casa de Deus, e seu título secundário é "O Senhor das Hostes dos Poderosos".

A carta ilustra a torre que é golpeada por um vívido raio em ziguezague, que destruiu a parte de cima, e vermelhas línguas de fogo lambe as três janelas das quais duas figuras saltaram.

Esta letra, junto com a Kaph, refere-se particularmente a uma fórmula mágica que é admiravelmente adequada ao grau do Adeptus Major.

Quando se suprime o dogish desta letra, se pronuncia como "Ph" ou "F".

Sua forma final é פּ, com valor numérico 800.

צ – Ts

TZADDI

Décima oitava letra.

Caminho Nº 28, unindo Netzach a Yesod.

Valor Numérico: 90

Tzaddi, um "Anzol".

Sua atribuição astrológica é Aquário, o signo do portador da água.

Esta ideia continua na carta do Tarô XVII, *A Estrela*, representando uma figura feminina desnuda, ajoelhada próxima de uma corrente d'água, vertendo água de dois jarros, sustentando um em cada mão.

Sobre ela há sete estrelas de oito pontas rodeando uma estrela maior.

O título secundário é "A Filha do Firmamento. Aquela que habita entre as Águas".

Este Caminho é claramente feminino, unindo Vênus e a Lua, ambas são influências femininas. Juno, a deusa grega que vela sobre o sexo feminino, e se considerava o Gênio da Feminilidade, é sua principal atribuição.

Atena, como a patrona das artes úteis e elegantes (as artes são as características astrológicas dos nativos de Aquário) é uma correspondência, como também é Ganimedes, por causa de sua beleza quase feminina e porque era o copeiro.

Ahepi e Aroueris são os equivalentes egípcios.

A planta de Tzaddi é a oliveira que, segundo a crença, Atena criou para a humanidade; seu animal é a águia, sobre a qual se conta que levou Ganimedes ao Olimpo; seu perfume é o gálbano e sua cor é o azul celeste. Seu título yetzirático é "A Inteligência Natural".

Sua joia é a calcedônia, sugerindo por sua aparência as nuvens suavemente aquosas e as estrelas.

Tzaddi tem uma forma final, ם, com um valor numérico de 900.

פ - Q QOPH

Décima nona letra.

Caminho Nº 29, unindo Netzach a Malkuth.

Valor Numérico: 100

Sua pronúncia é Qoph, significando a "Parte de Trás da Cabeça".

Seu título yetzirático é "A Inteligência Corpórea" e sua atribuição é Piscis, o signo de Peixes.

Este Caminho é muito difícil de descrever, já que, indubitavelmente, se refere a algum aspecto do Plano Astral e é, também, um símbolo fálico; o peixe referindo-se ao espermatozoide nadando nos fundamentos de seu próprio ser.

Sua atribuição hindu é Vishnu, como o Matsu ou Peixe Avatar.

Netuno e Poseidon, na medida em que seu reino inclui o domínio onde mora o peixe, e Khephra, como o escaravelho ou caranguejo, são outras correspondências.

Todos estes símbolos ocultam, ou se referem, a uma classe de Magia relacionada com a aplicação da fórmula do Tetragrammaton.

Jesus de Nazaré é, às vezes, denominado o Pescador, e os leitores recordarão os amuletos cristãos dos primeiros tempos, onde estava inscrita a palavra grega *Ichthus*, significando peixe, e fazendo referência à personalidade reconhecida como Filho de Deus pelas igrejas cristãs.

O babilônio professor de sabedoria, Oannes, também era representado em forma fálica de peixe.

Sua criatura sagrada é o golfinho, sua cor é a camurça e sua joia é a pérola.

A pérola se aplica a Peixes devido ao seu brilho nublado, contrastada com a transparência de outras joias, recordando assim o plano astral, com suas formas e visões semi-opacas, como oposto aos flashes de luz sem forma que se relaciona com os planos puramente espirituais.

A carta do Tarô é a XVIII, *A Lua*; descreve uma paisagem de meia-noite sobre a qual está brilhando a Lua.

De pé, entre duas torres, há um chacal e um lobo, com os focinhos apontados para o ar e uivando à lua, e uma lagosta ou caranguejo se arrasta fora d'água sobre a terra seca.

ר – R RESH

Vigésima letra.

Caminho Nº 30, unindo Hod a Yesod.

Valor Numérico: 200

Sua pronúncia é Resh e significa uma “Cabeça”.

O Sol é atribuído a este Caminho e todos seus símbolos são claramente solares.

Ra, Helios, Apolo e Surya são os deuses do disco solar.

O amarelo é a cor que é dada a Resh; a canela e o olíbano são seus perfumes — claramente solares —; o leão e o gavião são seus animais.

O ouro é o metal apropriado; o girassol, o heliotrópio e o louro são suas plantas.

A crisólita é sua joia, sugerindo a cor dourada do Sol.

Seu título é “A Inteligência Coletiva”.

A carta do Tarô é a XIX, *O Sol*.

Parece extraordinariamente difícil crer que alguns escritores sobre a cabala atribuíam esta carta à letra Qoph (ק).

A carta representa um sol chamejante sobre o Hórus Criança Coroado e Conquistador, que monta triunfalmente sobre um cavalo branco — o símbolo do Avatar Kalki.

Ao fundo da carta tem vários girassóis que, novamente, indicam a atribuição solar da associação.

O *Sepher Yetzirah* chama Resh de “letra dupla”, porém tenho sido incapaz de descobrir qualquer outro som além do “R” para esta letra, nenhum outro reconhecido pelos gramáticos hebreus modernos.

Talvez a forma francesa do “R” — pronunciado com um nítido prolongamento — seja o som em questão.

ש – Sh SHIN

Letra 21.

Caminho Nº 31, unindo Hod a Malkuth.

Valor Numérico: 300

Shin significa um “Dente”, provavelmente fazendo referência ao molar de três pontas.

Esta letra leva um dogish e quando este se encontra no lado esquerdo:

Shin (ש) se pronuncia como um “S”.

O fogo é seu elemento yetzirático (em hebraico Esh — אש) — é fogo, o “sh” majoritariamente proeminente na pronúncia) e é simbolizado por esta letra sibilante (ש), porque uma característica do fogo é o seu som sibilante, e o equivalente hebraico para uma “consoante sibilante” é uma palavra que também significa “sibilante”.

A implicação deste Caminho é a do Espírito Santo descendo em línguas de fogo — recordando um dos Apóstolos de Jesus em Pentecostes — e todas as suas atribuições são ardentes.

Agni é o deus hindu de Tejas, o tattwa ou elemento do fogo.

Hades é o deus grego do inferno chamejante, como também o são Vulcano e

Plutão.

Seus deuses egípcios mostram divindades elementais ardentes: Thoum-aesh-neith, Kabeshunt e Tarpesheth.

Suas plantas são a papoula vermelha e o hibisco.

Conhecendo as atribuições anteriores se compreende e se sente o grito lastimoso do poeta: "Coroa-me com a papoula e o hibisco".

A joia deste Caminho é a opala de fogo e seus perfumes são o olíbano e todos os perfumes ardentes.

O título dado pelo *Sepher Yetzirah* é "A Inteligência Perpétua".

A correspondência do Tarô é a carta XX, *O Juízo Final*, mostrando o Anjo Guardião tocando uma trombeta e levando uma faixa, na qual há uma cruz vermelha.

Os mortos abrem suas tumbas e se colocam de pé, olhando pra cima, dirigindo seus braços em rogo ao Anjo.

⚙ – T

TAU

Letra 22.

Caminho Nº 32, unindo Yesod a Malkuth.

Valor Numérico: 400

Esta letra significa uma "Cruz" em forma de T.

Quando não leva um dogish é pronunciada como um "th" (o som de "th" em inglês, ou "S").

Este Caminho representa:

- os sentimentos mais baixos do Plano Astral, ao qual se atribui Saturno como o grande astro maléfico;
- o Universo *in toto*, representado por Brahma e Pan, como a soma total de todas as inteligências existentes.

Na última categoria é Gaea ou Gé, a personificação da Terra.

Temos também o Vidar nórdico, cujo nome indica que se trata da natureza imperecível do mundo, assemelhando à imensidão dos bosques indestrutíveis, e como o grego Pan, é o representante dos arvoredos silenciosos, secretos e idílicos.

Anderson, novamente, diz que Vidar é a natureza eterna, selvagem e original, o deus da matéria imperecível.

Saturno, um deus italiano antigo, é uma deidade terrena também; ensinou aos agricultores, suprimiu a selvageria e lhe introduziu a civilização.

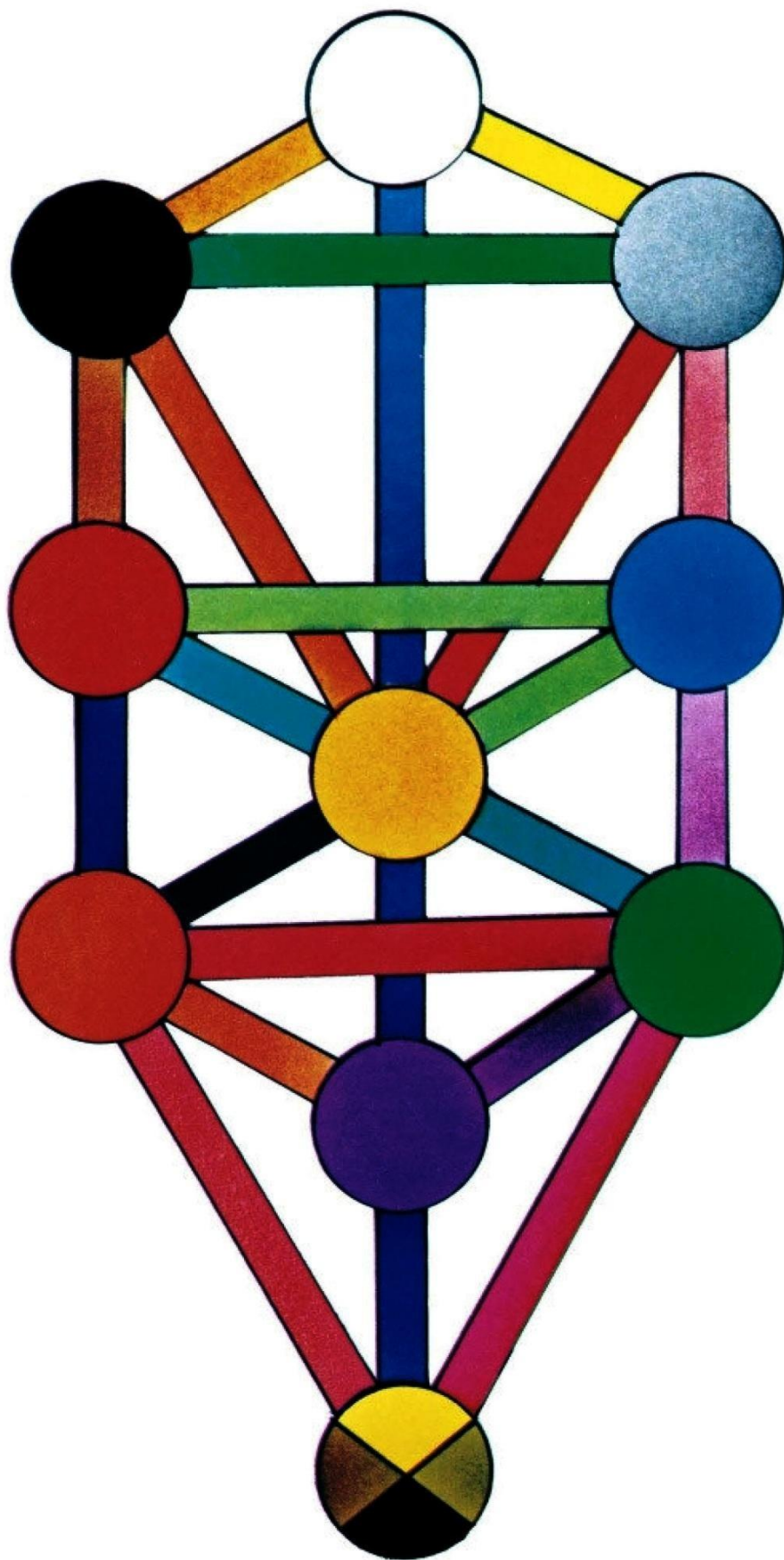
Em relação com ele, entretanto, temos Sebek, o deus crocodilo, significando a matéria mais bruta; e correspondências como a assafétida e todos os perfumes malévolos, e o Tamogunam hindu, a qualidade da preguiça e da inércia.

Sua cor é o preto, suas plantas são o freixo e a erva-moura, e seu título yetzirático é "A Inteligência Administrativa".

A carta do Tarô é a XX, *O Mundo*, mostrando uma figura feminina dentro de uma grinalda de flores, que é reconhecido como a Virgem do Mundo, dando a este Caminho um significado extra, já que descende sobre Malkuth, à que o *Zohar* associa a He final (⚙), a Filha, que é um reflexo abaixo do

Shechinah de cima.

Nos quatro cantos da carta estão os quatro animais querúbicos do Apocalipse: o homem, a águia, o touro e o leão.



Árvore da Vida Cabalística